

DE NOVO A IDEIA DO POETA DE QUE O CAMINHO SE FAZ ANDANDO

Dimas A. Künsch
Mateus Yuri Passos
Carolina Moura Klautau
Patricia S. Machado
Paulo Emilio Fernandes
Tayane Abib

Como o Jano bifronte da Roma Antiga, a proposta da compreensão tem duas faces – embora não seja duas-caras. Por um lado trabalhamos seus aspectos intersubjetivos, de percepção do Outro, de valores e culturas essencialmente distintos dos nossos; por outro, temos a dimensão epistemológica compreensiva, aquela que busca promover o diálogo entre aqueles teóricos que não se bicam, aquelas abordagens que alguns julgam incompatíveis, entre campos e áreas que atravessam a rua quando se deparam na mesma calçada – e, num nível mais fundamental, promover o diálogo entre formas de saber que muitas vezes fingem não se ver, como parentes brigados há tanto tempo que nem recordam mais os motivos. Saber e conhecimento, como dizemos sempre, numa perspectiva mais ampla, que abarca para além das ciências as artes, os mitos, as religiões e outras formas tradicionais de olhar para o mundo e tentar-lhe atribuir significado. Inter, multi, trans e indisciplinar.

Este *Pensar com o signo da compreensão* é o quinto livro de uma série integralmente dedicada a desvendar a compreensão como método a partir das mais diversas perspectivas, reunindo treze capítulos cujos autores se propõem a discutir, mais especificamente, como pensar de forma compreensiva – como, efetivamente, construir um olhar epistemológico que abrace os mais diversos saberes, em vez de separá-los, compartimentá-los, fatiá-los. Aqui simultaneamente encerramos uma fase dos projetos relacionados à compreensão e damos início a uma nova, agora junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, e sempre com a parceria do Departamento de Comunicaciones da Universidad de Antioquia.

Quem nos lê talvez pense: “Ah, que beleza, este livro vai me dizer tudo o que preciso saber sobre compreensão!” Se for o caso, temos uma ótima notícia para você: não dirá; e não pretendemos nunca escrever um que diga. Um de nossos preceitos fundamentais é, justamente, que a ideia de algo definitivo, estabelecido, imutável, certo, é uma falácia. Chegamos um dia a delimitar claramente “compreensão é _____” implica imediatamente pôr fim, destruir o projeto de investigação compreensiva. A resposta, já deveríamos saber, é a morte da pergunta – e a pesquisa em compreensão requer, antes de qualquer outra coisa, um espírito curioso que não se cansa de perguntar e não tem pressa em responder.

Por isso preferimos trabalhar com noções em lugar de conceitos – aquilo que já está estabelecido, pronto para ser apenas aplicado e reproduzido já está morto. Criar dogmas, angariar seguidores, criar uma lista de instruções e procedimentos a serem burocraticamente seguidos não nos interessa. Que propósito há, afinal, em se trilhar um caminho quando já se conhece todo o percurso, quando este não trará nada de novo? O caminho, sabemos, se faz ao caminhar, e cada pesquisador compreensivo cria o seu próprio – não isoladamente, claro, mas em diálogo com os demais, com aqueles que caminham junto, cada um em seu próprio ritmo, em sua própria trilha, todos instigados pela chama do compreender, sem destino certo, sem data para terminar.

Saber bom é saber vivo, perenemente mutável, aquele que escapa às definições simplistas, às receitas, às fôrmas. Nesse sentido, pensamos a investigação “A compreensão como método” – e o grupo de pesquisa que agora leva o mesmo nome – não como a execução, por dezenas de pessoas, de um projeto estabelecido verticalmente, mas pela construção coletiva de um projeto cuja fisionomia se altera conforme juntam-se a ele mais participantes, ou conforme se transformam os interesses e preocupações epistemológicas de seus participantes mais antigos. Um projeto em que autonomia e diálogo são componentes fundamentais e andam de mãos dadas. Vamos dar um olhada em quem encontraremos pelo caminho:

Versar con el otro/diferente: tejer conocimiento desde la conversación como método de comprensión

Alba Shirley Tamayo Arango

Neste primeiro capítulo, a autora aborda a experiência de encontros entre mulheres vítimas do conflito armado colombiano e de homens que foram agressores, de modo a inquirir sobre a construção de subjetividades, as transformações dos sujeitos e a incidência individual e coletiva propiciada pelas conversas e atividades realizadas no presídio de segurança máxima de Itagüi-Antioquia. Para registrar o acontecimento e compreender sua percepção em sujeitos diversos, Alba Shirley Tamayo Arango toma a conversa e o diálogo como caminho que permite elaborar tecidos de razões e emoções e gerar compreensão, com o propósito de evidenciar processos em que as pessoas, em suas palavras, se entre-vistam como seres sentipensantes.

Rousseau 2.0: ou da compreensão pelo sujeito virtual

André de Paiva Bonillo Fernandes

Neste capítulo, André de Paiva Bonillo Fernandes busca conciliar a categoria rousseauniana de alienação ao campo compreensivo. Em um mundo dominado pelos ambientes virtuais, o método da compreensão pressupõe o problema epistemológico de investigar quem é o sujeito da compreensão. Num contexto em que o desenvolvimento das faculdades virtuais levou o homem a alienar-se voluntariamente de si mesmo e, no desejo de ser visto, constituir-se a partir do olhar do outro, crianças e adolescentes elegeram a fama como o valor mais importante da atualidade. Se a sociedade

atual é a sociedade do desempenho e da atividade, o sujeito atual só pode se constituir fragmentado nos, e pelos, mil-espelhos virtuais.

Entre saberes: o abraço compreensivo da ciência e do mito

Carolina Chamizo Henrique Babo

O texto apresenta uma reflexão que nos situa no ambiente das possibilidades compreensivas de diálogo entre saberes, especialmente entre os tão aparentemente distantes ciência e mito. Começando no período paleolítico, passando por diversas mitologias, pela ascensão da ciência e chegando aos dias atuais, Carolina Chamizo pensa o ser humano como um “animal compreensivo” que, desde os primórdios da sua história, “abraçou” essas formas de conhecimento. Para tal tarefa, utiliza-se das teorias de Joseph Campbell, Karen Armstrong e Carl Gustav Jung na abordagem dos mitos e dos estudos de Dimas Kunsch, Eugênio Menezes e Mateus Passos na proposta da compreensão como método.

Comunicação, mito e sincronicidade: um olhar sobre a obra de Mircea Eliade

Carolina Moura Klautau

Esta capítulo lança um olhar compreensivo sobre as obras *O mito do eterno retorno* e *O sagrado e o profano*, do mitólogo Mircea Eliade, avaliando que as narrativas míticas de diferentes culturas se relacionam mais por significados do que por causa e efeito. Assim, Carolina Moura Klautau entende mito e comunicação como duas formas de orientação no mundo, introduzindo em seguida a noção de sincronicidade (de Carl Gustav Jung e Wolfgang Pauli) como possível chave de ligação entre os mitos. No “tecer junto” da compreensão como método, a autora dialoga com diferentes saberes em seu percurso – mito, comunicação, psiquiatria e física moderna –, promovendo o movimento de integração e diálogo defendido por essa proposta epistemológica.

Poder, política e diálogo em Hannah Arendt: compreensão e dialética

Cláudio Novaes Pinto Coelho

Este capítulo desenvolve uma reflexão sobre a dimensão política da epistemologia da compreensão a partir de uma tentativa de entendimento de como Hannah Arendt pensa os temas do poder, da política e do diálogo. Aqui, Cláudio Novaes Pinto Coelho realiza uma análise comparativa do pensamento da autora e também do pensamento de autores vinculados ao método dialético, como Theodor Adorno, Max Horkheimer e Guy Debord.

No caso de Adorno e Horkheimer, o ponto principal da comparação é o conceito de sociedade administrada e, no que diz respeito a Debord, o conceito de poder espetacular.

Música de câmara, cultura do ouvir e compreensão: contribuições de Otto Maria Carpeaux e Vilém Flusser

José Eugenio de Oliveira Menezes

Mauro de Souza Ventura

O texto resgata os trabalhos do austríaco-brasileiro Otto Maria Carpeaux (1900-1978) e do tcheco-brasileiro Vilém Flusser (1920-1991), autores que, por terem vivido parte de suas vidas em Viena e em Praga, respectivamente, cidades consideradas como ambientes para a cultura do ouvir, contribuem para os estudos da compreensão como método. Aqui, José Eugenio de Oliveira Menezes e Mauro de Souza Ventura destacam que a ruptura promovida pelo compositor vienense Arnold Schoenberg com a ordem tonal hierárquica está em consonância com o método compreensivo, mostrando que a concepção de música de câmara, na qual diversos músicos atuam de maneira criativa e dialógica, estudada por Flusser, também é um modelo da comunicação compreensiva.

O eu da compreensão e o ato presencial: comunicação e relação face-a-face

Maria Angélica Aleixo Beck Lourenço

A autora lança em seu texto um olhar de afeto na direção do pesquisador que elege a compreensão como método, aqui denominado “eu da compreensão”. Maria Angélica trabalha com aquilo que Cremilda Medina chama de “ato presencial” e se pergunta de que maneira o “eu da compreensão” exerce a sua função de articulador de sentidos e de chaves epistemológicas e metodológicas no universo dos processos comunicativos. Ela pensa a subjetividade utilizando-se de elementos da novela *Noites brancas*, de Dostoiévski. A ideia de acolhimento se revela pertinente para atender à tensão entre o observador e o sujeito da observação, um embate face-a-face entre alteridades, como a luta da embarcação que rasga as vagas até que ambas descansem em praias de hospitaleira compreensão.

Epistemologia da compreensão em viés nietzschiano

Mauro Araujo de Sousa

Neste capítulo, Mauro Araujo de Sousa apresenta uma epistemologia da

compreensão em viés nietzschiano, especialmente apontando de que modo o perspectivismo permite à compreensão realizar interfaces entre várias áreas do conhecimento. Para o autor, como método e numa abordagem perspectivista, uma epistemologia da compreensão ampliará e conquistará a “objetividade” de que trata o filósofo alemão Friedrich Nietzsche na obra *A genealogia da moral*. Assim, uma teoria do conhecimento da compreensão visa compreender, enquanto método e também enquanto conhecimento, a maneira pela qual conseguirá realizar uma abordagem múltipla, multiangular e multiperspectivista de um assunto.

Ecofeminismo espiritualista e ecosofia: sobre o pensamento compreensivo e o reencantamento do conhecimento

Patricia S. Machado

A supremacia do paradigma moderno – baseado no patriarcalismo, na lógica da dominação e no racionalismo – vem de forma progressiva sendo desafiada por uma perspectiva holística, complexa e integrativa do ato de pensar cientificamente. Trata-se de um modo de pensar em que estão incluídos os saberes da natureza e a capacidade imaginativa/mítica do ser humano, mas que não exclui a racionalidade. Unir, agregar e comunicar são algumas características relacionadas à compreensão e também ao pensamento compreensivo como método. A proposta deste ensaio de Patrícia S. Machado é compartilhar as ideias do Ecofeminismo espiritualista (de Vandana Shiva) e da Ecosofia (de Michel Maffesoli) oferecem possibilidades teóricas para um reencantamento do conhecimento e a compreensão dos fenômenos socioculturais e comunicativos na contemporaneidade.

Alteridade e sensibilidade na perspectiva da compreensão como método

Paulo Emílio de Paiva Bonillo Fernandes

Construir uma teoria compreensiva da comunicação exige estudar também a incomunicação. Como se haveria de fazer fenecer tal fenômeno frente a uma comunicação dialógica e compreensiva? Neste capítulo, Paulo Emílio de Paiva Bonillo Fernandes toma como hipótese a necessidade do cultivo da sensibilidade e trabalha com a noção de incomunicação, observando algumas de suas manifestações concretas, para depois investigar relações entre comunicação e experiência estética a partir dos estudos de Susanne Langer sobre a arte. Ao final, o autor considera a necessidade de construir uma pedagogia do ver (Byung-Chul Han) como resposta ao fenômeno da incomunicação.

El interpretar en el camino de la comprensión: hacia una semiohermenéutica desde Peirce y Gadamer

Pedro Agudelo Rendón

Um dos aspectos fundamentais quando se aborda a compreensão como método é a questão da interpretação – o que é e o que significa, algo definido pelo que se coloca em jogo na compreensão. Neste capítulo, Pedro Agudelo Rendón segue dois caminhos – um semiótico, norteado por Peirce, e outro hermenêutico, por Gadamer, em busca de entender a interpretação e mostrar sua vital importância para o método compreensivo – considerando a noção de signo, o interpretar em si, como seu aspecto mais valoroso. Em busca desse objetivo, o autor adota uma metodologia descritiva e contrastativa que delinea a concepção do ato interpretativo em ambos os filósofos e mostra seus pontos de convergência.

Identidade de gênero, mito e conhecimento: o romance *A mão esquerda da escuridão*, de Ursula Le Guin

Roberto Fideli

Identidade de gênero, mito e produção de conhecimento são estudados pelo autor no romance de ficção científica *A mão esquerda da escuridão*, de Ursula Le Guin. O método compreensivo destaca em em primeiro lugar a contribuição das mulheres para o campo da produção de ficção científica. E chama mais uma vez a atenção, como se tem feito na área de estudos de compreensão por meio especialmente da contribuição de Fideli, para o lugar de honra e respeito que se deve reservar às artes, à literatura, às narrativas simbólicas, aos mitos e, no caso específico aqui estudado, à ficção científica no concerto das múltiplas narrativas humanas e da produção de conhecimento. O poder de imaginação, que a ficção científica põe em funcionamento e evoca, é capaz de provocar rupturas nas sólidas paredes de um pensamento fundado na ideia da distinção de gêneros.

Laço, ritual, máscara e mimese: um olhar para o brincar sob a ótica da compreensão

Tadeu Rodrigues Luama

Este capítulo passeia pelo campo das relações entre brincar e comunicar. Para tanto, a partir da etimologia do verbo brincar, o autor identifica a aderência entre essa ação e a Comunicação, tal como esta vem sendo entendida no âmbito do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia (Cisc), grupo de pesquisa integrado ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade

Católica de São Paulo (PUC-SP). Relaciona-se comunicação e religião em Miklos, religião e ritual em Eliade e ritual e jogo em Huizinga. A partir daí, Tadeu Rodrigues Luama amplia o escopo do estudo dessa temática em Caillois, chamando-se ao mesmo tempo a atenção para o conceito de mimese em Gebauer e Wulf. Sua ideia central é que a ação de brincar pode ser circundada de uma maneira compreensiva, ao se utilizarem olhares teóricos distintos, de áreas do saber diversas, procurando assim abraçar novos horizontes para a compreensão como método.

Estamos todos, assim, cada um a seu modo, buscando pistas e construindo caminhos para compreender a compreensão, para pensar com seus signos, ressignificá-los. Como percebemos, autores acadêmicos consagrados – da filosofia, da crítica literária, da ciência política, da psicologia – caminham lado a lado com autores nem tão consagrados assim, com jovens pensadores, com escritores de ficção, com os próprios autores dos capítulos. Compreensivamente, a relação com o substrato teórico se estabelece de forma mais saudável quando este deixa de ser a referência autoritária, o guia inquestionável, e se converte em um coletivo de dialogantes, em constante e animada conversa entre si, com quem tecemos um diálogo efetivo e fértil – e ao fim dar início a novas caminhadas, e talvez inspirar mais pessoas a vir caminhar conosco.

Um olhar para as produções sobre compreensão de dez anos atrás permitiria ver o quanto nossas configurações epistemológicas mudaram – alguns autores cresceram em importância como dialogantes, outros estão mais silenciosos e aguardam ser chamados para a conversa novamente, outros tantos surgiram e entraram no diálogo com energia. O que mais nos anima ao ver esse cenário não é uma celebração de uma consolidação do pensamento compreensivo, mas justamente sua diversificação, sua mutação, suas novas faces. Ficamos imaginando, ansiosos, o quão diverso, múltiplo e sofisticado estará o mundo da compreensão daqui a outros dez anos, quantos novos dialogantes e perspectivas os participantes do projeto trarão para a roda.

Boa leitura!